

---

## A significação visual da catástrofe climática no Rio Grande do Sul em 2024 através do fotojornalismo<sup>1</sup>

Melissa de Medeiros CAMPELLO<sup>2</sup>  
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

### RESUMO

A relação das enchentes no Rio Grande do Sul em 2024 com o fenômeno das mudanças climáticas não se dá apenas no plano científico, mas é atravessada pelo discurso político-midiático; este caracteriza o evento enquanto uma catástrofe climática através de mecanismos diversos, incluindo as representações fotográficas, que podem tomar de empréstimo fórmulas visuais conhecidas na tradição de representação de catástrofes de outras naturezas. Este artigo busca explorar a significação visual do evento enquanto catástrofe climática, através da análise iconográfica de fotografias de notícias de dois dos portais de notícia com mais visibilidade no Brasil, o *GI* e a *BBC Brasil*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fotojornalismo; fotografia; mudanças climáticas; catástrofes.

### CORPO DO TEXTO

O número de trabalhos publicados na área da comunicação sobre a representação midiática das mudanças climáticas segue uma crescente nas últimas décadas, acompanhando o aumento da relevância dada pela mídia ao tema, à medida que os efeitos sobre o clima se tornam mais difundidos e contundentes, e que sua discussão amadurece no debate público. No entanto, essas publicações continuam muito limitadas a países da América do Norte e da Europa, a América Latina e a África sendo regiões fortemente sub-representadas (Schäfer; Schlichting, 2014, p. 156). Assim, esperamos, aqui, trazer alguma contribuição para o desenvolvimento do campo no Brasil. Ao longo do texto, serão utilizados intercambiavelmente os termos “mudança climática” e “crise climática”, em consonância com a literatura atual, mas tomando conhecimento da predileção recente pelo segundo termo, de acordo com estudos que avaliam os efeitos discursivos da escolha (Haueis, 2024). Neste artigo, analisaremos duas matérias de dois dos maiores portais de notícia do Brasil, o *GI* e a *BBC Brasil*. As páginas exibem seleções de fotografias representativas das enchentes ocorridas no Rio Grande do Sul, entre abril e maio de 2024.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Fotografia, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense. email: melissamc@id.uff.br.

---

As chuvas intensas começaram no dia 27 de abril, na região central do estado, mas apenas no dia 29 foi emitido alerta vermelho pelo Instituto Nacional de Meteorologia (INMET). No dia 30 de abril foram registradas as primeiras mortes; em 2 de maio, uma barragem no interior do estado entrou em processo de rompimento e, naquele momento, cidades da região apresentavam os maiores índices pluviométricos do mundo, de acordo com o site OGIMET. Ao longo dos dias seguintes, várias cidades foram atingidas, a capital, Porto Alegre, sofreu alagamentos em mais da metade dos bairros, centenas de milhares de pessoas foram obrigadas a deixar suas casas e ao menos 178 mortes foram confirmadas (Agência Brasil, 2024; Rodrigues, 2024).

O termo “catástrofe climática” foi rapidamente adotado pela mídia para descrever o acontecimento, o que pode ser verificado pelo pico de menções à expressão nos índices Google Trends. Esse uso está de acordo com as conclusões científicas preliminares que indicam que o evento teve sua intensidade afetada pela ação humana sobre o clima. Apesar de a região estar naturalmente sujeita a chuvas torrenciais, devido a uma combinação de fatores meteorológicos, potencializados pelo fenômeno El Niño, modelos indicam que a probabilidade e a intensidade de precipitação deste porte foram fortemente impulsionados pelas mudanças climáticas, de natureza antropogênica (Clarke et al., 2024).

No presente artigo, os efeitos das mudanças climáticas serão observados à luz da bibliografia que as entende como uma forma de violência contra indivíduos e populações, com destaque ao conceito de *slow violence*, ou violência lenta, de Rob Nixon (2011). De acordo com essa ideia, os prejuízos materiais e imateriais causados por eventos e processos relacionados ao clima estão distribuídos pelo tempo e pelo espaço, em níveis incrementais, o que dificultaria a sua identificação definitiva. Desta maneira, o que ocorre contra as vítimas muitas vezes sequer é visto como violência, atrapalhando, assim, a possibilidade de responsabilização. Ao contrário de certas violências diretas, que ocorrem na forma de agressões físicas, e cujos efeitos podem ser identificados imediatamente, a violência lenta tem no seu mecanismo de ação uma cadeia causal dispersa, além de transformações incrementais.

Neste contexto, há tentativas de apagar as posições de responsabilidade pelos eventos adversos, por parte dos agentes que são os maiores causadores e beneficiários das mudanças no clima, como governantes e corporações. Ao contrário do que pode ser

sugerido, o processo de mudança climática é causado não apenas por efeitos colaterais indesejados do desenvolvimento econômico, mas de deliberações conscientes de poucos (Nixon, 2011). As decisões que guiam o desenrolar da crise climática têm sua existência propositalmente ofuscada pelas partes interessadas, influenciando como o fenômeno é percebido na esfera pública.

Como resultado, as tentativas de representação desses fenômenos enfrentam desafios provenientes não apenas das características e limitações dos meios, como o jornalismo, o cinema e a literatura, mas, também, do cenário político-ideológico no qual tais representações se propagam. O critério de noticiabilidade da violência como um ato altamente visível, focado num único evento, ligado ao tempo e ao corpo (Nixon, 2011, p. 3) é antitético ao desenrolar da violência lenta, de origem ambiental, o que significa uma necessidade de adaptação do jornalismo para acomodá-la.

Em contraponto, é no momento das catástrofes que a face mais espetacular da crise climática se revela, permitindo a representação dramática do sofrimento causado pela violência lenta através das situações extremas que se formam. Na linha de sua tradição pictórica, o fotojornalismo está bem posicionado para esse tipo de acontecimento, apropriado para capturar as transformações visíveis ao ambiente e os efeitos intensos sobre a população. Assim, dois modos de representação são empregados com frequência em situações de catástrofe: a fotografia de paisagem, que indica a extensão territorial da destruição, e o retrato documental, evidenciando o sofrimento humano causado por tal destruição (Mayer, 2008, p. 179) .

A representação do sofrimento é um tema ubíquo na fotografia de tragédia em particular, mas também muito presente no fotojornalismo em geral. Ainda que muitas vezes haja reações negativas quanto à instrumentalização do sofrimento alheio para fins midiáticos, esta prática tenta redimir-se através de alegações do seu poder de mobilização. No caso da representação da crise climática, é possível argumentar que tais imagens teriam uma função estratégica na produção de ações políticas, na medida em que seriam úteis para “personificar” o fenômeno abstrato e de difícil apreensão. As mudanças climáticas, historicamente, foram construídas discursivamente como um acontecimento futuro, e a mobilização política ambiental seria crucial, mas não urgente (Nixon, 2011, p. 9). O poder de comunicar o sofrimento atual, ocorrendo em tempo real, pode atenuar a percepção de que este seria um problema que não exigiria ação imediata.

---

No entanto, o sofrimento “precisa ser entendido como dado de uma realidade concreta, material”, para impedir que seja criada “uma circularidade entre a emoção que evoca o sentimento que lhe retroalimenta” (Biondi, 2016, p. 32). Ou seja, a mera exibição do sofrimento não garante a realização de objetivos concretos, para além da informação ou ilustração.

A experiência da maioria das pessoas com as catástrofes acontece na forma de um risco futuro, no plano da estética e da imaginação, inacessível à realidade imediata, até que esta se concretize. A representação da catástrofe, seja pelo fotojornalismo, seja pela ficção, é um elemento que informa a formação da realidade imaginada da situação de catástrofe. A transposição do evento catastrófico para domínio da estética, através da beleza ou do sublime, faz parte das mobilizações necessárias à formação do sentido (Aradau; Munster, 2014, p. 6). No contato com a fotografia de uma paisagem destruída, por exemplo, o espectador é atingido simultaneamente pelo presente da imagem, aquele posterior à destruição que se infere, e o presente do acontecimento em si. Assim, “a noção de ‘sublimidade’ emerge aqui como o complemento no qual a experiência fotográfica redime esteticamente o acontecimento, em especial no caso das catástrofes e de sua relação com a representação da natureza (Picado, 2014, p. 19).

Há, na fotografia de uma paisagem destruída, uma tensão entre a estabilidade do que se vê e a reconstituição imaginária de que ali ocorreu uma série de eventos para que ela chegasse a tal estado. Podemos enxergar os rastros de um evento de vastas proporções, provocando a ideia de uma ação intensa ao mesmo tempo que revela apenas a imagem de uma paisagem imóvel e aparentemente permanente (Picado, 2014, p. 9). Não é possível, porém, apreender diretamente a dimensão do que se passou. Não podemos acessar, através da imagem, a força a que agiu sobre aquele espaço, uma vez que a fotografia apresenta somente o resultado deste evento, que é, desta forma, inapreensível em si mesmo. A fotografia deixa apenas os rastros materiais do que ocorreu, fazendo com que seja impossível dimensionar a tragédia a partir da escala da experiência humana. Em suma, as formas de representação de uma catástrofe climática, agem em conjunto e de forma complementar. Se, na paisagem, a dimensão e a intensidade do evento, bem como seu efeito sobre o espaço, são evidenciadas, no retrato das vítimas o acontecimento toma forma humana, proporcionando um meio para a empatia.

---

Assim, a compreensão do público acerca dos fenômenos relacionados à ideia de uma crise climática resulta de uma miríade de objetos culturais, midiáticos e científicos. A consciência acerca do fenômeno passou por uma evolução ao longo da história, e as representações midiáticas acompanharam e catalisaram essas mudanças. Num primeiro momento, até os anos 1960, o objetivo da comunicação ambiental era a conservação da natureza ainda intocada; posteriormente, outros efeitos da ação humana foram aglutinados à pauta, como poluição, uso de pesticidas e lixo. Já no século XXI, em especial a partir da década de 2010, as representações tomaram formas mais “apocalípticas”, incorporando a ideia de um colapso climático aos medos de aniquilação que povoam o imaginário (Green; Smaill; Cubitt, 2024). É nesse contexto cultural que as notícias acerca das catástrofes atuais são recebidas, e devem ser apreciadas.

Devido à natureza do acontecimento e à forma da violência climática, caracterizada acima, a representação integral da calamidade pode não ser representável através da fotografia. Com especial atenção aos discursos que buscam uma responsabilidade política do evento, o jornalismo faz uso de outros elementos para a construção discursiva dessa relação. No caso das matérias selecionadas para análise, 25 *imagens impactantes da tragédia das chuvas no Rio Grande do Sul*, do portal da *BBC News Brasil*, e *Maior desastre climático do Rio Grande do Sul em imagens*, do *GI*, o foco central é dado às imagens, e as possibilidades de traçar discursivamente relações políticas ficam no segundo plano, na forma de links para outras matérias.

Na primeira delas, no site da *BBC News Brasil*, a página apresenta vinte e cinco fotografias, introduzidas apenas por duas frases contextualizando a catástrofe com número de mortos, contendo *links* para outras matérias mais informativas e baseadas em texto. Destas, doze imagens contêm a figura humana, em diversas situações de calamidade; três contêm animais e o restante apresentam apenas paisagens e objetos inanimados, como carros enlameados e ruas alagadas. Na segunda matéria, do portal *GI*, foram publicadas treze imagens, das quais apenas uma figura alguma pessoa, que está em segundo plano. Em todas as outras, estão presentes paisagens em diferentes graus de destruição, incluindo ruínas de uma casa e grandes edifícios imersos na enchente, como o aeroporto e estádios de futebol. As fotos estão divididas em seções nomeando cada situação retratada e são intercaladas com pequenos blocos de texto trazendo informações variadas, incluindo *links* para outras notícias.

---

Nos voltamos, então, diretamente para as imagens das matérias analisadas, e as potencialidades da significação visual do evento. Em seu conteúdo, as fotografias se assemelham às representações das mais diversas catástrofes, com elementos comuns que se repetem, acionando dimensões variadas do acontecimento. Nas duas matérias, alguns dos elementos visuais mais marcantes são: paisagens urbanas com ruas tomadas por água opaca ou lama; infraestrutura destruída; grandes construções rodeadas por água; visões aéreas; copas das árvores parcialmente submersas; vítimas em resgate; pessoas atravessando espaços alagados; animais de estimação; pranto; engarrafamentos; limpeza de ambientes enlameados; entre outros.

Assim, na iconografia da catástrofe climática não encontramos obrigatoriamente indicações diretas da natureza antropogênica do acontecimento, uma vez que ele, em sua forma, pode ser indistinguível de fenômenos “puramente” naturais. No entanto, como vimos, cientistas do clima já foram capazes de apontar nas raízes das chuvas no Rio Grande do Sul influências diretas das alterações nos padrões de chuvas pela ação humana. A cobertura jornalística, em grande medida, tem reconhecido esta ligação, inclusive publicando relatórios científicos e falas de especialistas. Nas matérias selecionadas, porém, o discurso não está evidente, nem através das imagens, nem nos elementos textuais que as acompanham.

Concluimos, então, que a compreensão da imagem enquanto representativa de uma catástrofe climática em grande parte é dependente do conhecimento do público, bem como as conexões que ele mesmo é capaz de fazer. Por exemplo, a fotografia de um avião ilhado em meio ao aeroporto alagado pode ser entendida como uma ironia visual pelo espectador que compreende que a aviação comercial é uma grande responsável pela emissão de gases poluentes que, por sua vez, contribuíram para as chuvas intensas que atingiram a região. Este entendimento, evidentemente, não é o que está literalmente diante da lente, e pode ou não estar alinhado às intenções do fotógrafo. No entanto, não deixa de ser uma possibilidade apresentada pela imagem. Desta forma, é possível concluir que a significação visual do evento depende não apenas dos elementos textuais e imagéticos que podem ser articulados na matéria jornalística, mas, também, das variadas maneiras que a mensagem é captada pelo receptor.

---

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. Mortes no RS sobem para 178; 34 pessoas estão desaparecidas. **Agência Brasil**, 26 jun. 2024. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-06/mortes-no-rs-sobem-para-178-34-pessoas-estao-desaparecidas>>. Acesso em: 26 jun. 2024.

ARADAU, C.; MUNSTER, R. V. Estética da catástrofe. **Revista Eco-Pós**, v. 14, n. 2, p. 4–32, 2014. Disponível em: <[https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco\\_pos/article/view/1203](https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/1203)>. Acesso em: 30 maio. 2024.

BBC. 25 imagens impactantes da tragédia das chuvas no Rio Grande do Sul. **BBC News Brasil**, 2024. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cx7d1ppl0lzo>>. Acesso em: 7 jun. 2024.

BIONDI, Angie. **Corpo sofredor**: figuração e experiência. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2016.

CLARKE, Ben et al.. Climate change, El Niño and infrastructure failures behind massive floods in southern Brazil. **Imperial College London**, 2024. Disponível em: <<https://doi.org/10.25561/111882>>. Acesso em: 26 jun. 2024.

G1. Fotos: cheias no Rio Grande do Sul. **G1**, 29 maio 2024. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/29/fotos-cheias-no-rio-grande-do-sul.html>>. Acesso em: 7 jun. 2024.

GOOGLE TRENDS. Explore: "catástrofe climática". Disponível em: <<https://trends.google.com.br/trends/explore?date=today%205-y&geo=BR&q=%22cat%C3%A1strofe%20clim%C3%A1tica%22&hl=pt>>. Acesso em: 26 jun. 2024.

GREEN, Charles; SMAILL, Belinda; CUBITT, Seán. Iconographies of climate catastrophe: the representation of climate change in art and film. In: DEL FAVERO, Denis et al. (Ed.). **Climate disaster preparedness: reimagining extreme events through art and technology**. Cham: Springer, 2024. p. 93-106.

HAUEIS, Philipp. Climate concepts for supporting political goals of mitigation and adaptation: The case for “climate crisis”. **Wiley Interdisciplinary Reviews: Climate Change**, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/wcc.893>. Acesso em: 7 jun. 2024.

MAYER, Aric. Aesthetics of catastrophe. **Public Culture**, v. 20, n. 2, p. 177-191, 2008.

---

NIXON, Rob. **Slow violence and the environmentalism of the poor**. Cambridge: Harvard University Press, 2011.

OGIMET. Ranking of extreme weather events. Disponível em:  
<<https://www.ogimet.com/ranking.phtml.en>>. Acesso em: 26 jun. 2024.

PICADO, B. Paisagens e Crônicas Visuais da Destruição: índices e temporalidades do discurso visual no fotojornalismo. **Revista Eco-Pós**, v. 14, n. 2, p. 66–85, 2014. Disponível em:  
<[https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco\\_pos/article/view/1206](https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/1206)>. Acesso em: 29 maio. 2024.

RODRIGUES, Alex. Um mês de calamidade: a cronologia dos alertas da tragédia no RS. **Agência Brasil**, 26 jun. 2024. Disponível em:  
<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-06/um-mes-de-calamidade-a-cronologia-do-s-alertas-da-tragedia-no-rs>>. Acesso em: 26 jun. 2024.

SCHÄFER, Mike S.; SCHLICHTING, Inga. Media representations of climate change: a meta-analysis of the research field. **Environmental Communication**, v. 8, n. 2, p. 142-160, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/17524032.2014.914050>>. Acesso em: 7 jun. 2024.